

Filme sobre selo que revelou Raimundos vale por causos hilários do rock 90

Alexandre Matias
Do UOL, em São Paulo

25/06/2015 19h05



Quem conhece o jornalista e produtor Carlos Eduardo Miranda sabe que ele adora pregar peças nos outros. Inventa altas lorotas, exagera situações e finge-se de desentendido com desenvoltura, só para ver a reação das pessoas. A melhor lorota inventada (até hoje) por Miranda é alvo do quarto documentário do jornalista jundiaense Ricardo Alexandre, "Sem Dentes: Banguela Records e a Turma de 1994", que será lançado no festival In Edit, em São Paulo, na próxima semana (com sessões nos dias 4, no Cine Olido, 5, na Cinemateca, e 10, no CCSP). O filme conta a transformação no cenário musical brasileiro que aconteceu entre as duas últimas décadas do século passado, quando a geração do rock dos anos 80 passou a ser rotulada de jurássica pela crítica especializada, enquanto uma nova cena procurava brechas para acontecer.

Tudo isso se afunilou para a invenção do selo Banguela Records, um filhote da gravadora Warner inventado por Miranda quando ele ainda era jornalista da revista "Bizz". Em uma entrevista com os [Titãs](#), ele mostrou para os integrantes da banda fitas

cassete de nomes completamente desconhecidos na época como [Pato Fu](#), Little Quail & the Mad Birds, [Chico Science & Nação Zumbi](#), [Graforreia Xilarmônica](#), [Raimundos](#), [Maskavo Roots](#), [Skank](#), [Mundo Livre S/A](#) e [Planet Hemp](#). Os Titãs ficaram impressionados com aquela nova geração, e Miranda os convenceu para que lançassem em um novo selo. Uma história que culminou com a criação de um selo da multinacional Warner com o aval dos Titãs, sem que nem o grupo nem a gravadora soubessem de fato o que estava acontecendo. Um caso contado às gargalhadas pelo próprio Miranda, pelo produtor Vagner Garcia e pelo jornalista André Forastieri.

"O Banguela é um símbolo daquela geração", explica o diretor do documentário. "Pode não ter sido o maior, nem o primeiro, nem o melhor, mas é de longe o mais simbólico, e foi isso o que me atraiu. Por meio dele, a gente consegue falar da cultura dos selos, que surgiu de dentro da utopia alternativa. Consegue falar de sucesso popular, de sucesso de crítica. Consegue falar da importância da 'Bizz', do contraste com a geração dos anos 80."

Ao elencar essas diferentes características do início dos anos 80, Ricardo traça a conexão entre seu primeiro e terceiro livros. "Dias de Luta", de 2002, contava a história da geração 80 do rock brasileiro, que criou os alicerces do showbusiness do país. Já "Cheguei Bem a Tempo de Ver o Palco Desabar", lançado há dois anos, é uma história da transição do pop brasileiro dos anos 90 para o século 21 contado de um viés assumidamente autobiográfico.

Sobrevida superficial do rock

"Sem Dentes" mira em 1994 como o *annus mirabilis* de toda a geração dos anos 90, mas o único consenso sobre a importância daquele ano para esta geração é a existência do Banguela. Ao mesmo tempo, 1994 é o ano em que o livro "Cheguei..." começa, enquanto "Sem Dentes" tem início quando "Dias de Luta" chega ao fim. Dessa forma, o documentário funciona como uma ponte entre duas gerações do rock nacional que, ao optar por um gênero, prefere ignorar o contexto para além dele.

Fala-se muito sobre a chegada da MTV no Brasil e quase nada sobre a ascensão do sertanejo, da axé music ou do pagode. Há muita referência a Seattle e a Kurt Cobain e pouca sobre a influência do Plano Real no consumo brasileiro. A "Bizz" parece ser mais importante do que a chegada do CD. Ricardo sabe disso: "Acho que ainda há muitas outras histórias a serem contadas sobre essa mesma geração."

Esse viés pró-rock também busca dar uma sobrevida artificial ao gênero, ao colocar uma geração atual de roqueiros do país para reviver "A Tempestade", o primeiro single do grupo brasiliense Maskavo Roots, ao final do filme. A música, que marca o fim de 1994 e o começo da decadência do Banguela, dá a "Sem Dentes" um final bem piegas e pouco representativo do extenso cenário pop brasileiro atual. Esse, sim, talvez o grande legado do selo criado por Miranda.